

Denominações sobre o campo semântico do convívio e comportamento social utilizadas por falantes de Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

Klébia Enislaine do Nascimento e Silva

Maria Elias Soares

Universidade Federal do Ceará

Abstract:

This paper deals with the lexical variation on the denominations used by speakers of African countries where Portuguese is the official language (PALOPs), as answers from the semantic-lexical questionnaire of Brazil Linguistic Atlas, analyzing lexical varieties used by those Portuguese speakers to characterize concepts, since, by using a lexical expression to name something, are styling concepts according to their worldviews. This enquiry is part of a larger Project - of the Linguistic Variation, and Speech Discourse Processing: analysis and applications group (PROFALA¹).

Keywords/Palavras-chave: lexical variation, denominations, PALOPs, PROFALA/variação lexical denominações, PALOPs, PROFALA.

1. Considerações iniciais

Nossa pesquisa tem por objetivo analisar as variedades lexicais utilizadas por estudantes oriundos dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOPs), especificamente, de Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe para categorizar conceitos, em termos de unidades semântico-lexicais, em língua portuguesa, isto é, busca-se verificar os diversos modos de denominar, de nomear um elemento, utilizados por tais falantes, quando lhes é oferecida uma definição. Mais precisamente, analisamos as denominações referentes ao campo semântico

¹ Linguistic variation and speech and discourse processing: analysis and application www.profala.ufc.br



convívio e comportamento social, utilizadas por esses estudantes para denominar os conceitos de *marido traído*, *prostituta* e *bêbado*.

Esta pesquisa faz parte do projeto do grupo PROFALA que utiliza o questionário do Atlas Linguístico Brasileiro (ALIB) adaptado para realização das entrevistas. O grupo PROFALA tem como objetivo disponibilizar um banco de dados do Português falado nos PALOPs e Timor-Leste, de modo a possibilitar a análise descritiva, numa visão sociolinguística, geolinguística e discursiva, possibilitando uma discussão de políticas linguísticas para o ensino e aprendizado do Português.

Para este trabalho, fizemos um recorte em que focalizamos apenas o campo semântico do convívio e comportamento social em um dos questionários aplicados, o questionário semântico-lexical, em 20 entrevistas de três países que compõem o *corpus* africano, a saber, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe. Dessa forma, buscamos perceber variedades lexicais de um mesmo conceito resultantes de usos característicos em comunidades de língua portuguesa, de acordo com sua diversidade social, linguística e geográfica, e, assim, realizar um levantamento que permite um olhar sobre a situação do Português falado nesses países, observando as diferenças em relação à língua falada no Brasil e refletindo sobre a atitude de seus falantes frente à língua portuguesa.

Aclaramos que nosso estudo concebe a noção de variabilidade resultante dos dados tal como ela é tratada em Mateus (2009). Essa autora assume que toda variação é concebida como indicativo de diversidade e não como indício de superioridade ou inferioridade do falar de um determinado país.

2. Pressupostos Teóricos Variacionistas

Como bases teóricas, nosso estudo segue os princípios metodológicos da Sociolinguística Variacionista que postula ser a língua um fenômeno inerentemente variável (LABOV, 2008 [1972]). Nesse sentido, a língua deixa de ser vista como uma realidade exclusivamente linguística para ser compreendida como um elemento dependente da estrutura social em que seus usuários se inserem. Dessa forma, aos descrevermos variedades lexicais relacionadas ao convívio e comportamento social, utilizadas por falantes de língua portuguesa de países africanos estamos,



tal como concebe Aragão (2012), identificando reflexos da cultura e da identidade dessas sociedades.

A perspectiva da Sociolinguística Variacionista está voltada a uma análise da língua em seu contexto de uso. Nesse sentido, o uso da linguagem não constitui um fato isolado, meramente linguístico, mas cada instância de comunicação é, na verdade, um evento humano e, portanto, social e cultural.

Segundo Labov (1972a), as pesquisas sociolinguísticas devem analisar a língua como um sistema condicionado não apenas por fatores inerentes à *langue*, mas por fatores sociais. Esses fatores ora atuam simultaneamente ora agem isoladamente no uso de uma ou outra variante, entendida como duas ou mais formas alternativas de se dizer a mesma coisa, em um mesmo contexto (Labov, 1978).

Desse modo, a Teoria Variacionista tem por objetivo descrever e analisar as variações presentes no sistema linguístico e os processos de mudança linguística. Labov (*op.cit*) propõe que as variáveis linguísticas evidenciam os diferentes tipos de comportamento sociais e que alguns destes estão associados à mudança/variação. É necessário esclarecer que nem toda variabilidade na estrutura linguística vai envolver mudança, mas toda mudança vai envolver, necessariamente, variabilidade (Weinreich, Labov & Herzog, 2006).

Tal teoria rompe com a clássica dicotomia saussuriana sincronia/diacronia ao reconhecer a heterogeneidade linguística como uma característica inerente à língua. Portanto, a língua deve ser analisada de modo sistemático e não arbitrário, posto que ela é concebida como uma realidade heterogênea, desse modo, é inerentemente variável e ordenada, posto que seja, também, inerentemente estrutural (Weinreich, Labov & Herzog, 2006).

Segundo Labov (1972, p. 187), o objeto da Linguística constitui “o instrumento de comunicação utilizado pela comunidade de fala”. Dessa forma, esse autor estabelece a relação entre a noção de língua e o contexto social, fazendo a integração do linguístico com a sua função comunicativa. Assim, em uma comunidade de fala, falantes com autoridade econômica e social determinam certos valores para as formas em variação e compartilham certos padrões normativos, mesmo quando há variação na fala real:



We have seen that sociolinguistic behavior shows social differentiation. Such behavior reflects a set of norms, beliefs, or subjective attitudes towards particular features and language in general. The regular stratification of behavior shown above has a subjective counterpart: uniform linguistic norms, in which all speakers of the community agree in their evaluation of the feature in question. In our society, these values are middle class norms, since the middle class in the dominant group in school, business, and mass communications (Labov, 2003 [1969], p. 243)².

A mudança e a variação no uso de uma determinada forma ocorrem devido aos falantes e aos aspectos sociais que os envolvem, tais como: classe social, gênero, etnia, ocupação profissional, etc. Camacho (2001) afirma que tais aspectos motivam a diferença entre língua comum – inventário sintático e lexical comum aos membros da comunidade linguística - e linguagens especiais - variedades dialetais típicas das várias subcomunidades linguísticas caracterizadas por compartilharem uma mesma forma de atividade profissional, lúdica ou científica. Daí o surgimento e/ou desaparecimento de jargões, de linguagens técnicas, etc. Da mesma forma, podemos perceber como a comunidade de fala opta pela utilização de certos termos em detrimento de outros.

À luz desses pressupostos teóricos, avaliamos dados reais em que são usadas formas denominadoras para os conceitos de *marido enganado*, *prostituta* e *bêbado*, por falantes do Português africano de Cabo Verde, de Guiné-Bissau e de São Tomé e Príncipe, considerando que a variação pode ocorrer devido a fatores geográficos, sociais e gênero.

3. A denominação

Ao tratarmos a denominação em uma vertente Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008[1972]), para a qual a variação e a mudança são inerentes às línguas, como um fenômeno cultural motivado por fatores linguísticos e extralinguísticos, verificamos a relação entre tais

² Temos visto que o comportamento sociolinguística mostra diferenciação social. Tal comportamento reflete um conjunto de normas, crenças ou atitudes subjetivas com características particulares da linguagem em geral. A estratificação regular de comportamento mostrado acima tem uma contrapartida subjetiva: normas linguísticas uniformes, em que todos os falantes da comunidade concordam na avaliação do recurso em questão. Em nossa sociedade, estes valores são normas de classe média, uma vez que a classe média é o grupo dominante na escola, nos negócios e na comunicação em massa (tradução nossa).



denominações com fatores sociais referentes a diferentes comunidades de fala do Português dos três países africanos analisados (Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe).

Segundo Pontes (1997), a denominação diz respeito ao significante de um termo, tendo o seu significado no conceito deste. Ela é uma forma linguística resultante de uma relação estabelecida pelo uso ou pela necessidade de criação artificial de uma representação para um conceito. Este é definido como o conteúdo do termo, a noção, a representação abstrata deste, composta por traços comuns a um grupo de entidades, sejam objetos ou ideias.

A observação das entrevistas com falantes de língua portuguesa de Cabo Verde, Guiné-Bissau e de São Tomé e Príncipe, mais especificamente, das denominações utilizadas por esses como enunciado-resposta às questões que versam sobre os conceitos de *marido enganado*, de *prostituta* e de *bêbado* despertou-nos um interesse em analisar as variantes lexicais e suas propriedades semânticas refletidas pelo modo de denominar tais referentes, e, assim, pelo processo de significação desses.

Partindo-se da concepção de que o significado de um termo ou de uma expressão é contextual, as denominações para *marido enganado*, *prostituta* e *bêbado* permitem evidenciar as atitudes assumidas por tais interlocutores, posto que ao denominarmos algo, ou seja, ao utilizar uma expressão lexical para nomear algo, estamos construindo conceitos segundo os propósitos ou efeitos de sentido que queremos conseguir naquele momento e segundo as possibilidades de realização oferecidas na comunicação.

Segundo Hegenberg (1974, p. 20), o significado de um termo é estabelecido por um acordo entre os usuários de uma língua que formam uma comunidade, ou seja, ele é submetido a convenções pré-estabelecidas e consensuais. Dessa forma, ao descrever e analisar as variantes de *marido enganado*, *prostituta* e *bêbado*, denominadas nessas entrevistas, podemos identificar o polimorfismo que engloba os conceitos de (I) *o homem que é passado pra trás pela mulher com outro*, (II) *a mulher que se vende por qualquer homem?* e (III) *que nomes dão a uma pessoa que bebeu demais?* e caracterizar as escolhas lexicais feitas por indivíduos, associando tais escolhas à linguagem usada nessas situações comunicativas particulares.

Consideramos, como Richiter e Isquerdo (2009), que o construto lexical de uma sociedade deve ser concebido como patrimônio cultural dessa, posto que revela traços da norma de um



grupo social. Dessa forma, uma análise lexical pode evidenciar aspectos da cultura popular, mitos, tradições e folclore, característicos de certo grupo social.

A denominação de um conceito deve decorrer do entendimento deste, no contexto em que ele aparece inserido. Desse modo, as denominações utilizadas para os conceitos de *marido enganado*, *prostituta* e *bêbado* devem ocorrer, em geral, pelo estabelecimento de uma relação de sinonímia “A é igual, por definição, a B”. Assim, é constituída através de uma relação de sinonímia entre A e B, sendo A referente à denominação e B referente ao conceito, como na fórmula abaixo:

$$A=B \rightarrow B=A \text{ (relação de sinonímia)}$$

Algumas vezes, a denominação utilizada pode estabelecer uma relação de parasinonímia com cada conceito, A pertence à classe de B, sendo a denominação A uma propriedade da classe do conceito B, podendo ser descrita como na fórmula, a seguir:

$$A \cong B \rightarrow B \cong A \text{ (relação de parasinonímia)}$$

Outros tipos de relações também podem ser estabelecidos entre a denominação e o conceito a que ela se refere como quando A (denominação) especifica o sentido de B (conceito) ou vice-versa, podendo tais relações serem representadas como segue:

$$A > B \text{ (especificação de sentido)}$$

$$B > A \text{ (generalização de sentido)}$$

Dessa forma, as variantes lexicais utilizadas para denominar os conceitos de *marido enganado*, *prostituta* e *bêbado*, em tais entrevistas, *podem* operar de diversas maneiras.



Vale lembrar que, como estamos considerando as denominações que definirem conceitos por meio de um nome que pode caracterizar uma propriedade, uma classe, uma relação, entre outras, do objeto a ser definido, estamos considerando o que Hengenberg (1974) determinou como definição *explícita* ou *nominal*. Esta é estabelecida em uma sociedade por meio de uma espécie de convenção, uma alternativa para uma expressão linguística de cujo significado se tem conhecimento prévio. Portanto, é necessário que os falantes conheçam o conceito do objeto ou da coisa referenciada e acessem seus conhecimentos, para que consigam denominar algo.

4. Situação da língua portuguesa em Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe

Cabo Verde, Guiné-Bissau e em São Tomé e Príncipe fazem parte da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), composta por nove Estados-membros, de quatro continentes, Europa, América, África, Ásia, cujo objetivo maior é uma cooperação mútua para o desenvolvimento dos países lusófonos. Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe, como citamos anteriormente, correspondem a três dos cinco Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOPs). Nestes países, o Português é utilizado em toda a documentação oficial e administrativa. É também a língua das rádios e televisões e, principalmente, a língua de escolarização.

Em Cabo Verde, o Crioulo cabo-verdiano é a língua materna de quase toda a população. Há, ao todo, nove variantes de Crioulo de base portuguesa, referentes às línguas maternas da população das nove ilhas habitadas que formam o país. Quase toda a população fala também o Português.

Veiga (2009) lembra que Cabo Verde, enquanto colônia de Portugal, teve um início de um desenvolvimento do sistema de ensino formal, sendo o Crioulo discriminado e proibido nas escolas e na administração. Havia várias políticas linguísticas de ensino e desenvolvimento do Português no país, sendo reforçada a ideia de unificação do império através do ensino e utilização da língua portuguesa.

Somente após a independência (1975), houve uma melhora na política de afirmação e valorização do Crioulo, passando a ter este o estatuto de língua nacional, o que o fez ganhar prestígio e poder ser utilizado em quase todas as situações sociais. Até este momento, havia,



ainda, uma alta taxa de analfabetismo no país, cerca de 70% da população. A língua portuguesa, por dispor de uma escrita formalizada, por já ter sido utilizada no processo de alfabetização escolar, por ter dicionários e compêndios gramaticais pôde servir de modelo para o desenvolvimento do processo de ensino, sendo ela assumida como língua oficial, utilizada em todos os documentos do país. O Crioulo, sem escrita formalizada, sem dicionários e sem gramáticas, não pôde ser instrumentalizado e utilizado na educação até então. A codificação e a normalização de uma língua é o que facilita sua estandardização e seu avanço geográfico e social e para que uma língua tenha o estatuto de oficial é preciso que ela passe por um processo de normalização e instrumentação.

Segundo Veiga (2009), o Português é reconhecido juntamente com o Crioulo como patrimônio cultural do país, estando presente no território do país há cinco séculos, enquanto que o Crioulo há quatro. Portanto, o Crioulo é considerado a língua de minoridade, como podemos ler nas palavras do autor, a seguir:

Esta situação fez com que a língua portuguesa fosse sempre considerada como língua de prestígio e o Crioulo cabo-verdiano como língua de amizade e do coração. Tratando-se de situações informais de comunicação, o Crioulo cabo-verdiano, sobretudo junto da elite letrada, teve quase sempre um estatuto de minoridade, chegando mesmo o seu uso a ser considerado desprestigiante. E isto, particularmente devido à falta de um alfabeto e de uma escrita estandardizados, à inexistência, durante muito tempo, de uma gramática escrita e à sua ausência tanto na administração como no sistema formal de ensino (p.1).

Atualmente, segundo Duarte (1998), há um desejo político de assumir o país Cabo Verde como bilíngue, atribuindo o *status* de língua oficial também ao Crioulo. Dessa forma, tanto o Crioulo quanto o Português poderiam ser utilizados de forma semelhante pelos falantes. Estes poderiam eleger uma ou outra língua de forma funcional, adequando às situações comunicativas distintas. Mas isso ainda pode levar um bom tempo, já que a decisão gera muitas polêmicas entre os cabo-verdianos, e que, apesar de o Crioulo, desde 1998, já ter um alfabeto – Alfabeto unificado para a escrita Crioulo (ALUPEC), ainda não tem dicionários, nem gramáticas, nem foi



amplamente instrumentalizado, sendo, ainda hoje, a língua portuguesa a única língua oficial do país e a utilizada neste processo de escolarização.

Dessa forma, em Cabo Verde, o Crioulo é a língua das tradições orais do país, utilizada no âmbito familiar, na música, no bate-papo nas ruas e em todas as situações informais. Já o Português é a língua de prestígio, utilizado nas situações formais, no ensino, na literatura e nas mídias. Além desta situação, que para alguns é de diglossia (Ferguson, 1959) para outros gira em torno de bilinguismo (Duarte, 1998), Veiga (2009) lembra que o país passa por um problema de dialetologia. Apesar de a distância entre as ilhas ser pequena, houve um longo período de escassa comunicação e mobilidade social entre elas, “formando variedades dialectais e sociolectais”.

São Tomé e Príncipe é o terceiro na ordem de percentagem de falantes de Português, depois de Portugal e Brasil, com mais de 95% da população falando Português, e mais de 50% da população usando-o como primeira língua. Dessa forma, o Português tem um lugar de centralidade, sendo a língua mais falada no país.

O processo de colonização portuguesa, neste país, deu-se de forma diferente dos demais, pois acredita-se que o arquipélago formado de duas ilhas que constitui o país, até a vinda dos portugueses, por volta de 1500, não era povoado. Acredita-se que graças ao plantio de açúcar e de cacau e a posição favorável a uma plataforma de apoio à navegação, o arquipélago foi povoado. Primeiramente, São Tomé, em 1485, em seguida, Príncipe, em 1500. Juntas, as ilhas têm 971 km de extensão, formando o segundo menor país do continente africano.

Dos contatos com as línguas dos vários povos que habitaram as ilhas, segundo o que informa o Atlas da Lusofonia: São Tomé e Príncipe (2008, p.93), desenvolveu-se um processo de *crioulização linguística*, como podemos perceber na citação, a seguir:

Como em todos os meios onde se processou uma crioulização linguística, os crioulos nasceram da interação entre as línguas dos vários povos em contacto. Na circunstância, os crioulos locais terão resultado da mistura do *português* e das línguas *Kwa* e *Bantu*. Esse processo continua, assistindo-se à contaminação recíproca do *português*, do *forro* ou *santomé* e, decerto, das outras línguas nacionais. Observa-se, por um lado, a crioulização do português. Por razões sociais, entre as quais, a sua expansão nas zonas rurais após a independência, o português sofre influência do *forro* ou



santomé. Por seu turno, nas zonas urbanas, assistir-se-á a um aporuguesamento ou (des)crioulização do *santomé* (p.93).

Atualmente, no arquipélago, são consideradas como línguas nacionais: o *Santomé* e o *Angolar*, faladas na ilha de São Tomé; e o *Lung'ie* falado na ilha do Príncipe. E como língua oficial e de unificação, o português, falado pela população em geral são-tomense e principense.

Em Guiné-Bissau, a situação da língua portuguesa é um pouco diferente do que foi descrito nos outros dois países anteriores. Este país é um dos menores e mais populosos dos PALOPs, com mais de 800 000 habitantes, e muitas línguas. Convivem, dentro de um mesmo território, mais de 20 línguas autóctones, juntamente com o Português. Este é utilizado pela camada da população que o tem como língua materna e cerca de 15% da população que dominam a língua. O Português é utilizado em locais e situações específicas no país, principalmente, em situações oficiais. Nas situações cotidianas e, nas ruas é o Crioulo que prevalece. O Crioulo possui dois dialetos utilizados na região norte do país, o dialeto de Cacheu e o dialeto de Bissau.

Na escola, nos primeiros quatro anos de escolarização, segundo Sani (1999), são ensinadas quatro línguas, o inglês, o Português, o Fula e o Crioulo. Conforme este autor, essas três últimas línguas são necessárias para quem quer conseguir se comunicar em Guiné-Bissau, nas mais diversas situações interativas, como, por exemplo, se é necessário pegar um taxi, a maioria dos taxistas fala fulo; na rua, precisa-se falar o Crioulo.

Neste país, de acordo com Intumbo (2008), a língua portuguesa é considerada uma língua das elites e associada a aspectos de prestígio, a pessoas com um nível de escolaridade mais elevado, que viveram em Portugal, ou que tiveram contato com os portugueses ou, ainda, que viajaram ao Brasil. A zona lusófona do país está concentrada na zona central e comercial da capital Bissau, conhecida como “a praça”. Vale ressaltar que a grande parte da população está concentrada no interior do país, cerca de 76% dos habitantes.

Atualmente, a situação da língua portuguesa em Guiné-Bissau é delicada, porque apesar de língua oficial do país, além das línguas autóctones e do Crioulo falado pela maioria da população (cerca de 70%), há uma grande comunidade francófona, advinda de Senegal e da Guiné, atuante na área comercial do país, levando a ter a população um contato linguístico constante com o



francês, o que resulta em uma grande preferência pela aprendizagem de tal idioma. Segundo Sani (1999) os guineenses têm maior facilidade em falar o francês e o inglês que o Português. A língua francesa já é considerada a segunda língua mais falada no país, vindo logo após o Crioulo.

Como vimos, a língua portuguesa ganhou *status* de língua oficial, mas só é utilizada nos meios de comunicação e em situações formais, no país e fora dele, mesmo sendo concebida por muitos como sinônimo de avanço cultural, tal como podemos ver nas palavras de Amílcar Cabral, em um discurso sobre a importância da Língua Portuguesa para os guineenses, citadas por vários autores em trabalhos de referência sobre tal questão (Intumbo, 2008; Pontes, 2003; Couto, 1999):

Temos que ter um sentido real da nossa cultura. O Português (língua) é uma das melhores coisas que os tucas nos deixaram, porque a língua, não é prova de mais nada, senão um instrumento para os homens se relacionarem uns com os outros, é um instrumento, um meio para falar, para exprimir as realidades da vida e do mundo (p. 59).

Com tudo isso, Guiné-Bissau vive uma realidade linguística conflituosa em relação a determinação do *status* atribuído às principais línguas faladas no país e ao interesse de aprendizado despertado nos guineenses por essas línguas. Há, ainda, uma dificuldade na aceitação da língua portuguesa como sinônimo de língua da nação, resultante de haver perdurado um sentimento de alheamento ao Português, como língua do dominador, relacionado a questões das realidades vivenciadas no período do colonialismo português. Mesmo assim, como conclui Intumbo (2008), as línguas africanas, o Crioulo e o Português não devem ser consideradas como incompatíveis, posto que, cada uma dessas línguas desempenha uma função social dentro de um domínio determinado em Guiné-Bissau.

Assim, acreditamos que, entre outras coisas, nas entrevistas analisadas nesta pesquisa, os estudantes guineenses tenham maior dificuldade em denominar os conceitos de *marido enganado*, *prostituta* e *bêbado*.



5. Metodologia da pesquisa

Tendo em vista uma análise das variantes lexicais utilizadas por estudantes oriundos de Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe para denominar conceitos do campo semântico de convívio e comportamento social, utilizamos 60 entrevistas do *corpus* do grupo Variação e Processamento da Fala e do Discurso: análises e aplicações – PROFALA.

O PROFALA adaptou o questionário do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB para a realização das 120 entrevistas que estão sendo coletadas para compor o *corpus*, dividido a partir das seguintes variáveis extralinguísticas:

- a) país de procedência do informante;
- b) gênero e;
- c) tempo de permanência no país.

O questionário ALiB é composto por perguntas que focalizam aspectos fonético-fonológicos, semântico-lexicais, morfossintáticos, pragmáticos, e metalinguístico da Língua Portuguesa. Em nossa análise, utilizamos o questionário semântico-lexical (QSL), que é constituído por 207 itens, distribuídos por 15 áreas semânticas, a saber: acidentes geográficos; fenômenos atmosféricos; astros e tempo; flora; atividades agropastoris; fauna; corpo humano; ciclos da vida; religião e crenças; festas divertimentos; habitação; alimentação e cozinha; vestuário; vida urbana e convívio e comportamento social. Deste último campo semântico, analisamos as três questões, anteriormente citadas: 1- Questão 141: O marido que é passado para trás pela mulher com outro homem, 2- Questão 142: A mulher que se vende por qualquer homem e 3 – Questão 143: Que nomes dão a uma pessoa que bebeu demais?

A escolha por tais questões, deu-se, principalmente, pelo fato de elas serem relacionadas a aspectos do cotidiano, ao contexto sócio-histórico e cultural. Sendo assim, é possível evidenciar traços culturais nas opções linguísticas feitas pelos falantes ao denominar os conceitos de *marido enganado*, *prostituta* e *bêbado*.



6. Análise e discussão

Nas subseções que seguem, discutiremos os resultados encontrados no *corpus* utilizado na pesquisa. Iremos analisar uma questão por subseção.

6.1. Questão 141: O marido que é passado para trás pela mulher com outro homem

Em nossa análise, primeiramente, verificamos o total de variantes lexicais utilizadas pelos estudantes nas 60 entrevistas dos três países pesquisados, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe. Assim, foram identificadas 09 denominações (variantes lexicais) para o conceito (variável) *marido que a mulher passa pra trás com outro homem*, distribuídas da seguinte forma:

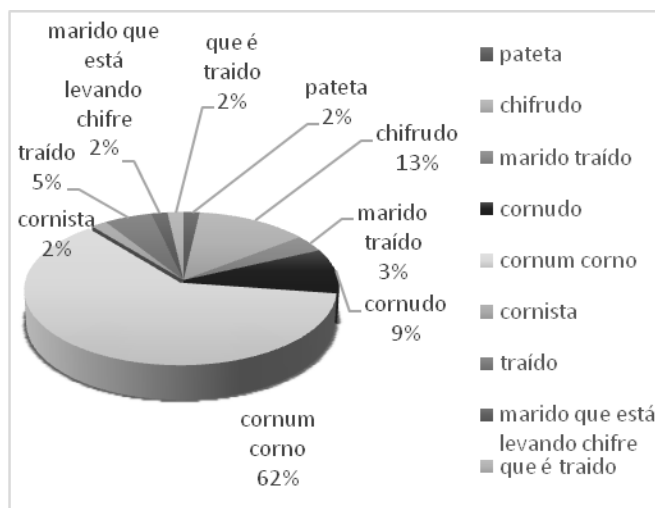


Gráfico 1: Denominações encontradas no *corpus* para questão 141- marido enganado

Como podemos observar no gráfico 1, houve um número maior de ocorrências da lexia simples *corno/cornum* (62%). Isso se deu devido a esta ser a lexia dicionarizada mais popular para denominar o conceito do marido que é traído pela mulher. Como discutimos nas seções anteriores, a língua portuguesa não é língua de interação em Guiné-Bissau e em Cabo Verde, o Crioulo cabo-verdiano e o guineense cumprem essas funções e, possivelmente, possuem diversas lexias para denominar o conceito de marido enganado, já que esse conceito pertence ao campo



semântico convívio social. Outro fator que, possivelmente, determinou o maior número de ocorrência de *cornu* é o fato de esta denominação se tratar de uma lexia simples, menor em termos de extensão e complexidade léxico-semântica, podendo ser dessa forma mais facilmente acessada.

Verificamos também que, além de *cornu/cornum*, houve ocorrência de lexias formuladas a partir de processo derivacional sufixal de formação de palavras para denominar o conceito em questão: *cornudo* (11% do total de ocorrências) e *cornista* (2% do total de ocorrências). A lexia *cornudo* sofreu um processo derivacional em que há um espraiamento do sema nuclear do lexema de origem, que é intensificado pelo sufixo *-udo*, por este ter um valor depreciativo ou negativo forte em língua portuguesa como atesta a lexia *chifrudo*, que em nossos dados ocorreu em 13% das denominações registradas. A lexia *cornista*, apesar de sofrer a mesma regra de variação (base + sufixo), não possui a intensificação negativa ou depreciativa que *cornudo*, pois o sufixo *-ista* tem um valor semântico distinto, uma vez que pode remeter ao âmbito profissional (taxista, motorista); ao âmbito de adesão ou de estudos (budista, veganista); ao âmbito de valor preconceituoso (racista, machista); ao âmbito de relação ou origem (sulista, nortista). No caso de *cornista*, verificamos que o informante usou o sufixo *-ista* em um sentido diverso do dicionarizado, significando a normalização daquele que é *cornu*.

A respeito das denominações *traído*, *marido traído*, *que é traído*, que tiveram respectivamente 5%, 3%, 2% do total das ocorrências, podemos observar mais uma vez a preferência pela lexia simples *traído*, em detrimento das demais lexias sintático-semânticamente mais complexas. Vale ressaltar que *marido traído* e *que é traído* foram ancoradas no enunciado que foi dito no ato da entrevista: *o marido que a mulher passa para trás com outro homem?* A denominação *que é traído* passa por um processo de formulação um pouco mais complexa, pois está embasado em uma predicação, constituindo uma oração adjetiva para qualificar o conceito.

Também tivemos a ocorrência de uma outra lexia, formulada a partir de um processo sintático-semântico mais complexo do que ocorreu com as lexias simples, já que constitui uma oração completa, com sujeito nominal, predicado expresso, *marido que está levando chifre*, configurando 2% do total de ocorrências. Essa lexia faz parte do mesmo campo semântico da denominação *chifrudo*, que foi a segunda maior recorrência encontrada nos dados.



A lexia *pateta*, que teve 2% do total de ocorrências, apesar de tratar-se de um nome, singular, comum de dois gêneros, que poderia perfeitamente ocupar o mesmo lugar sintático que *cornu* ou *marido enganado*, não configura o mesmo campo semântico que estas lexias. Porém, pôde ser associado pelo informante por aproximação de sentido, uma vez que denomina aquele que é bobo, tolo, boboca etc. sendo uma forma polida ou menos pejorativa, amenizando o sentido negativo atrelado às demais lexias encontradas.

Com relação às diferenças das denominações empregadas para a questão 141, considerando-se o país de origem do entrevistado, tivemos um maior número de respostas à pergunta *O marido que é passado para trás pela mulher com outro homem* de estudantes oriundos de São Tomé e Príncipe e de Cabo Verde, houve 21 de ocorrências de enunciado-resposta para o conceito de *marido enganado* tanto em Cabo Verde, quanto em São Tomé e Príncipe. Entretanto, se observarmos, em termos de variação lexical, os estudantes de São Tomé e Príncipe tiveram um número maior, 6 denominações diferentes (*cornu/cornum; cornudo; chifrudo; cornista; traído; que é traído*).

Percebemos também, na análise dos dados, que, nas entrevistas com estudantes de Guiné-Bissau, houve a mesma quantidade de variantes lexicais utilizadas para denominar o conceito de *marido engano* em comparação com as entrevistas de São Tomé e Príncipe, apesar de as lexias serem diferentes (*cornu; marido traído; pateta; chifrudo; marido que está levando chifre e traído*). Mesmo com esses resultados aproximados, ao compararmos o número de estudantes que responderam à questão, observamos que enquanto todos os estudantes de São Tomé e Príncipe analisados (20 no total) responderam à questão, sendo que um deles utilizou mais de uma denominação para o conceito em questão, 8 dos 20 informantes de Guiné-Bissau não souberam responder à questão em análise.

Isso, provavelmente, decorre da função que a língua portuguesa assume dentro de cada um desses países.



6.2. Questão 142: A mulher que se vende por qualquer homem

Tivemos, com relação à segunda questão analisada, a 142 - *A mulher que se vende por qualquer homem*, tivemos, em termos de variação lexical das denominações utilizadas pelos estudantes dos três países considerados, um total de 8 variantes lexicais diferentes para este conceito (*prostituta*, *puta*, *vadia*, *atirada*, *bandida*, *mulher da vida*, *garota de programa*, *vendedora do corpo*), sendo a denominação *prostituta* a mais utilizada, demonstrando que o conceito de *prostituta* é um conceito presente no cotidiano das comunidades de fala representadas pelos informantes entrevistados, como podemos observar no gráfico 2.

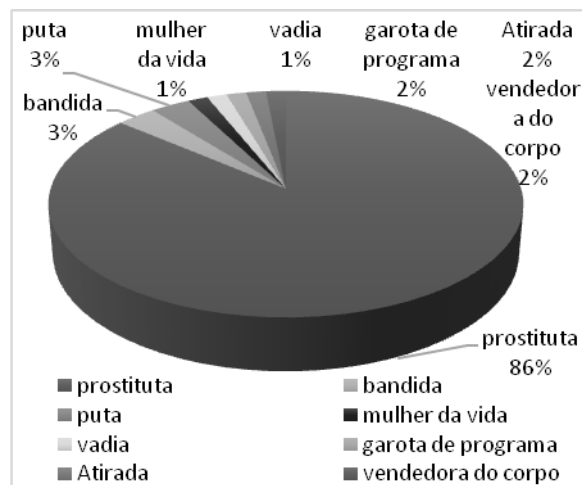


Gráfico 2: Denominações encontradas no *corpus* para questão 142 – mulher que se vende

No *corpus*, considerando o conjunto dos países analisados, tivemos um total de 63 denominações dadas como respostas à questão em discussão. Dessas, 86% foram da denominação *prostituta*, ou seja, 54 vezes. Mais uma vez, vemos que houve uma tendência de utilização da variante dicionarizada e de uma lexia simples nas respostas.

Outro resultado que nos chamou a atenção em relação a esta questão diz respeito ao número de denominações diferentes utilizadas pelos estudantes dos três países, os de Guiné-Bissau foram os que utilizaram um maior número de lexias diferentes (*prostituta*, *puta*, *vadia*, *atirada* e *vendedora do corpo*), enquanto que os de Cabo Verde e de São Tomé e Príncipe utilizaram



apenas as variantes: *prostituta*, *mulher da vida*, *garota de programa* (Cabo Verde) e *prostituta*, *bandida*, *puta* (São Tomé e Príncipe). Isso foi um pouco inesperado, pelo que podemos discutir em relação à importância da língua portuguesa em tal país. Mas, ao observarmos a variável tempo de permanência no país, foi possível entender esse resultado, já que os estudantes de Guiné-Bissau que utilizaram as demais variações estavam há mais de seis meses vivendo no Brasil, podendo, desse modo, ter tido também um maior contato com as demais variantes possíveis para esse conceito.

Além disso, verificamos, ao compararmos as respostas, levando em consideração o sexo dos entrevistados, que os estudantes de sexo masculino, dos três países, deram um maior número de designações ao conceito, apresentando um repertório lexical mais amplo que as estudantes do sexo feminino. As denominações, *atirada*, *puta*, *vendedora do corpo* e *bandida*, só foram utilizadas por homens. As mulheres ficaram restritas, em quase a totalidade das consideradas na análise, ao termo mais usual, *prostituta*. Esses dados nos condicionam a pensar que a utilização dessas denominações, no léxico masculino, tenha relação com o fato de tais denominações estarem qualificando uma conduta feminina, e, portanto, as mulheres não tenderam a utilizar diversificadas lexias estigmatizadas e preconceituosas, demonstrando um comportamento mais tímido ao ter de tratar de certos assuntos que ainda são tabus nesses países africanos, evidenciando que a situação da mulher ainda é diferenciada quando comparada à do homem perante tais sociedades.

Dentre as outras lexias presentes no gráfico anterior, *vadia*, *puta*, *bandida*, *vendedora do corpo*, *atirada* e *mulher da vida*, temos as três primeiras muito marcadas linguisticamente, com um valor pejorativo maior. Por exemplo, as denominações *puta* e *vadia* têm um valor de forte xingamento, em nossa sociedade, sendo utilizado cotidianamente para referir-se à *mulher biscate*, como sinônimo de *vagabunda*. Tomando por exemplo a denominação *bandida*, ela não faz parte do campo semântico de *prostituta*, expressando, neste contexto de utilização, uma prática que, quando realizada, representa uma transgressão da lei, designando a falta de moral de um indivíduo na sociedade. As três denominações anteriores refletem a linguagem machista da sociedade. Os demais registros, *vendedora do corpo*, *atirada* e *mulher da vida* referem-se a uma atividade laboral (*vendedora*), a uma característica particular de uma mulher (*atirada* e *da vida*).



A primeira é uma denominação que atenua o efeito do ato de prostituir-se, colocando como uma atividade que uma mulher faz, vender algo. E o corpo é considerado, nesse caso, como comparado a um objeto ou a um serviço. Essa denominação está ancorada na pergunta feita aos estudantes: como se chama *A mulher que se vende por qualquer homem?* A ancoragem na pergunta do entrevistador é comum nas entrevistas. Em geral, quando alguém está sendo entrevistado, tende a repetir elementos da pergunta em suas respostas. A denominação *atirada* não significa, necessariamente, a mulher *prostituta*, fugindo do campo semântico das denominações utilizadas para o conceito em questão. *Atirada* traz o sentido de *arremessar-se*, de *jogar-se*, sendo comumente usada como gíria a uma pessoa ativa, despachada e enxerida. A denominação *mulher da vida* trata-se de uma expressão que teve seu significado relacionado à situação de um indivíduo na sociedade, à condição desse indivíduo ser mulher e ao fato de a vida tê-lo exposto a um contexto socioeconômico desfavorável, não lhe atribuindo, necessariamente, nenhum tipo de culpa no ato de se vender, já que a locução adjetiva *da vida* que compõe a expressão e qualifica o indivíduo *mulher* vem sendo utilizada com o sentido de demonstrar uma falta de oportunidade de trabalho.

Portanto, a análise nos evidenciou que o uso das denominações identificadas no *corpus* para o conceito de *prostituta* traz traços que refletem propósitos enunciativos dos informantes, em suas respostas e revelam registros da constituição do léxico, sinônimo da cultura de um povo, como vemos nas palavras de Oliveira e Izquierdo (2001, p. 110), “o léxico de uma língua é constituído por um conjunto de vocábulos que representa o patrimônio sociocultural de uma comunidade. Em vista disso, podemos considerar o léxico como testemunha da própria história dessa comunidade”.

6.3. Questão 143: Que nomes dão a uma pessoa que bebeu demais?

Tivemos, com relação à terceira questão analisada, a ocorrência de 04 lexias distintas nas 60 entrevistas consideradas, como podemos ver no gráfico 3.



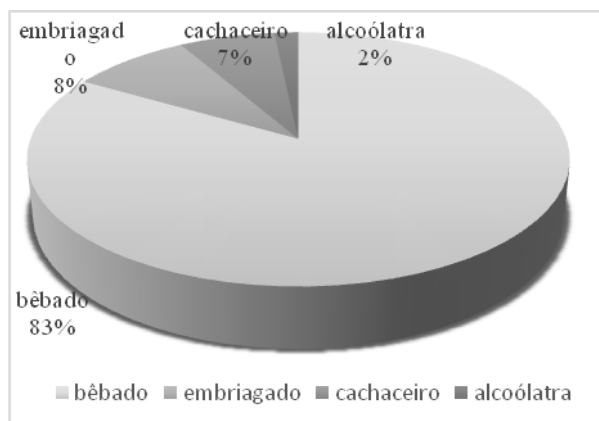


Gráfico 3: Denominações encontradas no *corpus* para questão 143 – bêbado

Como podemos ver no gráfico, o número de variantes lexicais utilizadas para o conceito de *bêbado* nas entrevistas foi bem menor que o número das variantes utilizadas nas duas questões anteriores. Provavelmente, isso tenha ocorrido por tratar-se de um conceito menos polemizado que o de *marido enganado* e o de *prostituta* na sociedade. A maioria dos entrevistados utilizou a denominação mais conhecida e dicionarizada *bêbado* (83% - 49 ocorrências) das 59 ocorrências, lembrando que mais de uma denominação é dada como resposta por um informante. As três demais variantes tiveram uma pequena representatividade nas entrevistas, *embriagado* (8% - 5 ocorrências), *cachaceiro* (7% - 4 ocorrências) e *alcoólatra* (2% - 1 ocorrência). Essa última só foi utilizada por um informante de Cabo Verde, demonstrando um sentido mais formal da aplicabilidade do conceito, já que, ao denominar a *pessoa que bebeu demais* de *alcoólatra*, o informante caracteriza essa pessoa por um traço não momentâneo, mas por uma característica permanente, como *alguém que idolatra o álcool* ou *alguém que sofre com o vício nele*.

Nota-se que todas as denominações identificadas no *corpus* para *uma pessoa que bebeu demais* são constituídas por lexias simples, que, como discutimos anteriormente, requerem menos esforço cognitivo e são lexias dicionarizadas, mais comuns no idioma.

Com relação às lexias *embriagado* e *cachaceiro*, a primeira foi utilizada por informantes dos três países analisados, já a segunda por estudantes oriundos de Cabo Verde e de Guiné-Bissau. A denominação *embriagado* estabelece uma relação de sinonímia com a denominação mais usual



bêbado, o que não ocorre com o uso da segunda denominação (*cachaceiro*). Esta lexia, apesar de muitas vezes ser utilizada como sinônimo de *bêbado*, traz em seu significado uma informação adicional mais específica, pois delimita qual o tipo de bebida ingerido pelo indivíduo. O uso da denominação *cachaceiro* também reflete os fatores produção e consumo de aguardente, presentes nesses países. A cachaça é uma bebida típica desde o plantio de açúcar nesses locais. Além disso, sabemos que há séculos a bebida alcoólica está intimamente relacionada com a cultura de um povo. Vale lembrar que o vocábulo *cachaceiro* é formado por uma derivação nominal do termo *cachaça* + o sufixo *-eiro*.

Nos resultados, também verificamos um alto número de informantes que não souberam ou não quiseram responder à questão 143; dos 60 estudantes entrevistados dos três países analisados, 19 não denominaram o conceito de *bêbado*, sendo destes 10 informantes homens e 9 informantes mulheres. Se verificarmos o fator não resposta em relação ao tempo de permanência no país, nos dados dos três países analisados, os informantes com mais de seis meses no Brasil foram os que menos deixaram de responder. Esse resultado fortalece o fato de que o contato direto e por maior tempo com a língua portuguesa que tiveram os estudantes que estão morando no Brasil, há mais de seis meses, pôde, possivelmente, enriquecer o aprendizado do léxico dessa língua, principalmente por estarmos abordando questões que estão fora do ambiente formal de comunicação, assuntos que dizem respeito ao cotidiano, ao convívio cultural das pessoas. Vale lembrar que a língua portuguesa, como vimos, tanto em Cabo Verde como em Guiné-Bissau, prevalece apenas no ambiente formal de uso, nas escolas, na documentação oficial etc. sendo utilizadas as línguas Crioulas cabo-verdiana e guineense nas situações comunicativas informais.

Outro dado interessante identificado na análise foi o fato de os estudantes oriundos de Guiné-Bissau terem sido os informantes que menos responderam à questão: *Que nomes dão a uma pessoa que bebeu demais*, 7 dos 20 entrevistados. Isso corrobora o que prevíamos, pelo fato de a língua portuguesa não ser tão usual em Guiné-Bissau, por isso mais estudantes desse país tiveram dificuldade em responder à questão, uma vez que a grande maioria dos guineenses falam o Crioulo.



7. Considerações Finais

A presente pesquisa investigou como falantes de Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOPs), mais precisamente de Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe, denominam conceitos do âmbito do convívio e comportamento social, por meio da utilização de unidades semântico-lexicais, em língua portuguesa. Analisamos as variantes lexicais utilizadas por esses para denominar os conceitos de (i) *marido que é passado para trás pela mulher com outro homem*; (ii) *mulher que vende para qualquer homem* e (iii) *pessoa que bebeu demais*.

Os resultados dos dados mostraram que esses conceitos estão presentes no cotidiano das comunidades de fala representadas pelos informantes entrevistados dos três países, já que a grande maioria deles souberam responder às questões.

Os resultados também evidenciaram a preferência dos informantes dos três países citados, nas três questões analisadas, pela denominação mais comum, dicionarizada e utilizada com mais frequências em língua portuguesa, e também a preferência pelas denominações constituídas por lexias simples. Com relação às duas primeiras questões, as que se referem aos conceitos de *marido enganado* e de *prostituta*, apenas três das variantes lexicais identificadas no *corpus*, eram constituídas por lexias compostas. Com relação à última questão, conceito de *bêbado*, só foram utilizadas lexias simples para denominar esse conceito. Considerando o conjunto dos países analisados, tivemos um total de 09 variantes lexicais para o primeiro conceito, 08 para o segundo e 04 para o terceiro.

Também podemos verificar que, no que diz respeito aos fatores tempo de permanência dos estudantes dos três países no Brasil e quantidade de denominações, houve, em geral, um maior uso de variantes lexicais distintas entre os indivíduos com mais tempo de permanência no país, o que sugere que eles possam ter aprendido o termo através do contato linguístico.

Outro dado relevante que identificamos na pesquisa diz respeito às entrevistas dos estudantes oriundos de Guiné-Bissau, principalmente os com menos de seis meses no Brasil. Eles caracterizaram os informantes com maior número de não respostas às questões analisadas, evidenciando que, como vimos um menor domínio da língua portuguesa, comparado com os estudantes dos outros dois países comum a população.



Em suma, concluímos que a identificação de variantes utilizadas por estudantes de Cabo verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe para denominar conceitos do âmbito do convívio e comportamento social refletem traços característicos da cultura popular presente no cotidiano dessas comunidades de fala. Dessa forma, desejamos desenvolver e impulsionar outros estudos relacionados às influências dos processos de povoamento e colonização ocorridos nesses locais no repertório lexical de cada país que tem a língua portuguesa como oficial.

Referências

- Aragão, Maria do Socorro Silva de (2012) Variantes Léxico-Semânticas de Marido Enganado nas Capitais Brasileiras: dados do Alib. *II Congresso Internacional de Dialectologia e Sociolinguística – II CIDS*. Belém: UFPA. Digital.
- Cabral, Amílcar (1990) *A questão da língua*. *Papia* 1 (2). Brasília, pp. 59-61. Disponível em: <http://revistas.fflch.usp.br/papia/article/viewFile/1916/1729>. Acesso em: 27 ago. 2012.
- Camacho, Roberto Gomes (2008) Sociolinguística - parte II. In MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Chistina (orgs). *Introdução à Linguística: domínios e fronteira*. 8ª. ed. São Paulo: Cortez, VI. 01.
- Couto, Hildo Honório do (1999) Crioulo e Português na Guiné Bissau. In *Humanidades*, número 47, Novembro, Editora da UNB, Brasília, p. 56.
- Duarte, Dulce Almada (1998) *Bilinguismo ou Diglossia?* Praia: Spleen-Edições.
- Ferguson, Charles (1959) Diglossia, *Word*, vol. 15, pp. 325-340.
- Hengenberg, Leônidas (1974) *Definições: termos teóricos e significado*. São Paulo, Cultrix.
- Intumbo, Incanha (2008) *Situação sociolinguística da Guiné-Bissau*. Disponível em: http://www.didinho.org/SIT_LING_GB_Incanha.pdf. Acesso em: 27 ago. 2012.
- Labov, William (1972) *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. [Padrões Sociolinguísticos. Trad.: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008].



- Labov, William [(1969)]. Some sociolinguistic principles. In: PAULSTON, Christina B.; TUCKER, G. Richard. (Eds.) 2003, p. 234-250.
- Lains, Pedro. (1998) Causas do colonialismo português em África 1822- 1975. *Análise Social*, vol. xxxiii. Disponível em:
<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1221843624G2dSJ5nf7Oj14YK5.pdf>. Acesso em: 27 de agosto de 2012.
- Mariani, Betânia (2004) Colonização linguística: línguas, política e religião no Brasil (séculos XVI a XVIII) e nos Estados Unidos da América (século XVIII). Campinas, Pontes.
- Monteagudo, Henrique (2011) Variação e norma linguística: subsídios para uma (re)visão. In: LAGARES, Xoán Carlos, BAGNO Marcos (Orgs.). Políticas da Norma e Conflitos Linguísticos. São Paulo: Parábola Editorial, pp.15-48.
- Mateus, Maria Helena Mira (2009) Uma política de língua para o português. Mesa redonda sobre política linguística.
- Oliveira, Ana Maria Pinto Pires de; Isquierdo, Aparecida Negri (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande: UFMS, 2001
- Pontes, Roberto (2003) *A Guiné-Bissau no contexto dos países africanos de Língua Portuguesa*. Conferência proferida no 29º aniversário da Independência da Guiné-Bissau, promovida pela Coordenadoria de Assuntos Internacionais da Universidade Federal do Ceará.
- Pinto, Paulo Feytor (2012) *O essencial sobre política de língua*. Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- Sani, Fanca. (1999) O ensino do português na Guiné-Bissau. In Pinto, Paulo Feytor, (Coord) – *Actas do II encontro Nacional de professores de português – 16 a 18 de Abril de 1997*. Lisboa: APP. (p. 99-101).
- Veiga, Manuel. O Crioulo e o Português em Cabo Verde. Disponível em:
<http://sibila.com.br/mapa-da-lingua/o-Crioulo-e-o-portugues-em-cabo-verde/2753>. Acesso em: 27 ago. 2012.

